



5033 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT20 - Psicologia da Educação

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A PESQUISA COM OS MAPAS VIVENCIAIS
Daniel Luiz Poio Roberti - UFF - Universidade Federal Fluminense

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA A PESQUISA COM OS MAPAS VIVENCIAIS

Resumo:

O presente trabalho se propõe a discutir o conceito de “vivência” nas obras de Vigotski. A nosso ver, este conceito contribui para que os estudiosos da educação interpretem toda a ação humana como portadora de uma certa atividade criativa. Sendo assim, acreditamos que a geografia pode se apropriar dessa discussão no desenvolvimento de uma metodologia para a cartografia escolar, uma vez que entendemos que o ensino de mapas não é só a aprendizagem do alfabeto que vai estar presente no mapa oficial; e defendemos o mapa enquanto ferramenta cultural cujo princípio é mediar a relação do homem com a natureza, compreendendo que esta relação é carregada de cultura e historicidade num cenário de permanente criação. Trabalhamos com a metodologia dos mapas vivenciais cuja intenção é mapear a relação do sujeito com o meio em que vive, entendendo que esta relação forma uma unidade, já que todo aluno estuda numa determinada instituição e vive num lugar específico que o constitui enquanto cidadão.

Palavras-chaves: Teoria histórico-cultural, vivência e cartografia escolar.

Introdução

Lev Semionovich Vigotski foi um importante psicólogo bielorrusso que nasceu em 1896 e morreu em 1934. Juntamente com A. R. Luria e A. N. Leontiev, outros intelectuais soviéticos, ele fundou a teoria histórico-cultural. Estes pesquisadores buscaram unir a ontogênese e a filogênese numa mesma escala histórica: para eles, o desenvolvimento histórico humano não pode vir desassociado do seu respectivo devir biológico. Esta introdução é uma breve apresentação a respeito da vida e obra de Vigotski e poderia ter sido retirada dos mais de 860,000 verbetes do *google* em que aparecem o nome deste autor. Mas acreditamos que poucas pessoas sabem sobre os pormenores acadêmicos da vida desse relevante intelectual bielorrusso: seus textos foram proibidos no seu país de origem por mais de 20 anos; a primeira reedição estrangeira de sua obra aconteceu nos EUA, durante a Guerra Fria – e, talvez, por isso o seu pensamento tenha sido tão lido, debatido e censurado no mundo ocidental capitalista.

Quase 80 anos depois da morte de Vigotski, o grande público de intelectuais, seja do campo da psicologia ou mesmo da educação, fica com a sensação de desconhecimento em relação ao pensamento do autor. Isso pode ser explicado pelos problemas de tradução dos textos dele para outras línguas, ainda mais se considerarmos que grande parte das edições estrangeiras de tais obras se deu durante a disputa ideológica entre EUA e URSS. Mesmo em seu país de origem, a produção científica de Vigotski foi retaliada pelo governo de Joseph Stalin, de forma que ainda hoje ainda há obras do psicólogo bielorrusso que não foram publicadas em russo.

Ao considerar as informações supracitadas, destacamos a relevância do nosso trabalho no que diz respeito à discussão das ideias Vigotskianas e isso se torna ainda mais importante por trazermos estas questões para um campo em que são pouquíssimo desenvolvidas, a geografia. Sendo assim, destacamos que este ensaio pode ser dividido em duas partes: a primeira delas pretende discutir os conceitos de *perejivanie* (“vivência” em russo) e *opit* (“experiência” em russo) e suas traduções para o português; enquanto a segunda é dedicada a apresentar uma metodologia de pesquisa no campo da cartografia escolar baseada no conceito de “vivência” e na teoria histórico-cultural.

As primeiras traduções de Vigotski no mundo e no Brasil

Vigotski, falecido em 1934, teve as suas obras foram censuradas pelo governo de Stalin dois anos após sua morte e somente 20 anos após esse período puderam ser reeditadas, no caso, apenas em 1955. A primeira edição de um livro de Vigotski, fora da URSS, se deu no Japão, em 1962, sob o título *Shiko to genko* (VIGODSKAIA e LIFANOVA, 1996, p.411, citado por PRESTES, 2010, p.65); no mesmo ano em que foi lançado *Thought and language* (WILEY, New York e London, XXI – 168 p., 1962, citado por PRESTES, 2010) nos EUA.

No Brasil, o pensamento de Lev Semionovich chega primeiro através de pesquisadores brasileiros que os citam a partir da obra *Michlenie i retch*, editada nos EUA (WILEY, New York e London, XXI – 168 p., 1962) e em Portugal (Editora Antídoto, 1979, citada por PRESTE, 2010) no ano de 1979. Mas a primeira edição brasileira de um livro de Vigotski aconteceu somente no ano de 1987, quando foi traduzido por Jefferson Luiz Camargo da versão inglesa de *Michlenie i retch* e recebeu o título de *Pensamento e Linguagem*. Tal edição de 1987, conforme a professora Zoia Prestes, cometeu uma “violência com a produção científica de um pensador” e talvez pode ser considerada uma das maiores “agressões”

sofridas por uma obra de Vigotski. (2010, p. 67)

O problema apontado pela professora supracitada em relação à primeira tradução de *Pensamento e Linguagem* é referente, sobretudo, a uma série de modificações em seus capítulos, com supressão de citações, capítulos e páginas inteiras retiradas pelos editores. Prestes chega a denunciar uma certa censura num capítulo especial em que Vigotski tece críticas a Jean Piaget sobre os problemas do pensamento e da fala na infância. O capítulo original do russo tinha 54 páginas e a versão inglesa ficou com apenas 19 páginas. Os comentários de Piaget, que aparecem na obra em russo, desapareceram na tradução para o inglês. Lembramos aos leitores que o cenário político de produção desses dois autores era o de Guerra Fria em que havia intensa disputa ideológica entre as potências estadunidense e soviética pela hegemonia não só no campo econômico e militar, mas também na produção das ideias. Os estudos de Jean Piaget ficaram muito associados ao mundo capitalista e os de Lev Vigotski ao socialismo.

O professor Newton Duarte, que faz parte de um grupo de críticos das traduções e apropriações indevidas do pensamento de Vigotski no Brasil, fez uma interessante observação sobre o momento de produção e a atualização do pensamento do escritor soviético:

(...) Se as “discussões polêmicas” foram consideradas de “pouco interesse para o leitor contemporâneo, então a cada nova edição o texto de Vigotski deveria ser “atualizado”? Os textos de todos os autores clássicos, de séculos passados, deveriam ser atualizados constantemente? O leitor não tem o direito de decidir por si mesmo o que lhe interessa ou não no texto de um determinado autor? (DUARTE, 2004, citado por PRESTES, 2010, p. 68).

Assim como nos Estados Unidos e no Brasil, muitos estudiosos ressaltam que a produção científica de Vigotski sofreu deturpações e censuras em diversas línguas para as quais suas obras foram traduzidas.

Experiência e/ou vivência em Vigotski¹

A nossa pesquisa se preocupou em compreender os conceitos de “experiência” e “vivência” presentes nas obras de Vigotski; para isso, os textos e livros da bibliografia do autor mais consultados foram: *Voobrajenie e tvortchestvo v detskom vozraste* (Imaginação e criação na infância, 2009), *Etiudi po istorii povedenia. Obeziana, Primitiy. Rebionok* (Estudos sobre a história do comportamento. O macaco. O primitivo. A criança, 1996), *Krizis semi liet* (A crise dos sete anos, 2006a), *Psirrologiia iskusstva* (Psicologia da arte, 1999) e *Problema sredi v pedologuii* (Quarta aula: a questão do meio na pedagogia, 2010). Para entendermos a complexidade de “experiência” e “vivência” no pensamento de Vigotski, acreditamos ser importante explorar, ao mesmo tempo, os conceitos vigotskianos de “material” e “forma”.

No livro *Psicologia da Arte* (1999), Vigotski discute a relação entre “material” e “forma”² nos diversos gêneros literários, dois elementos básicos que se encontram dentro da produção literária. Segundo o psicólogo bielorrusso, “material” é um conceito que serve como base, estrutura ou suporte para a atividade criativa. Através do material, o escritor de obras literárias usa as relações cotidianas, “experiências” e o ambiente social para confecção de suas histórias (VIGOTSKI, 1999). Já a ideia de “forma” tem a ver com o ato criativo do narrador de organizar esse “material” com a intenção de provocar uma reação estética no leitor.

Não é à toa que Vigotski defende o protagonismo da criação artística em relação ao usuário e do próprio autor da obra de arte. Para isto, ele coloca em relevo as palavras “mínimo” e “forma” ao longo da sua pesquisa. Vigotski (1999, p.42) elucidou a relação entre “mínimo” e “forma” quando disse que

[...] a diferença entre um regente genial e um medíocre na execução da mesma peça musical, a diferença entre um pintor genial e um copador absolutamente preciso de seu quadro resume-se inteiramente a esses elementos infinitamente pequenos da arte, que pertencem à correlação dos seus componentes, isto é, aos elementos formais. A arte começa onde começa o mínimo, e isto equivale a dizer que a arte começa onde começa a forma.

No livro *Psicologia da arte* (1999)³, as palavras “mínimo” e “forma” são usadas como sinônimas e se sobressaem na análise da produção artística. Toda a criação na arte tem uma estrutura e uma lógica própria que a explica. Vigotski, com o uso dessas categorias, quis dizer que os artistas e os apreciadores de arte compartilham dos mesmos acontecimentos sociais e contexto histórico da produção artística, por isso ele defende que a obra de arte ganha vida e se desprende do processo criativo.⁴

Perejivanie (em português, vivência) é uma palavra relevante para a teoria histórico-cultural. Há relatos (PRESTES, 2010) que este conceito científico provocou um embate epistemológico entre Leontiev e Vigotski. Lev Semionovich (1999, p.686) definiu “vivência” como:

uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência.

A leitura que Leontiev (2007) fez do conceito de *perejivanie* leva a crer que o pensamento de Vigotski segue uma base epistêmica interacionista. Ele acredita que o ambiente social e as peculiaridades do indivíduo mantêm uma relação de independência um com outro. Acreditamos que Vigotski não entendia *perejivanie* dessa forma e o cerne da questão, para a compreensão desse conceito, passa por uma dependência entre ambiente social e particularidade do sujeito. “Unidade” é um dos conceitos-chave do pensamento de Vigotski. “Unidade” é um conceito que se relaciona diretamente com o de *perejivanie* e nos ajudou a compreender uma certa contradição na crítica de Leontiev à Vigotski.

[...] Pero precisamente a causa de que la personalidad representa una unidad y actúa como un todo único, destaca desigualmente en el desarrollo unas u otras funciones, diversas y relativamente independientes entre sí. Estas tesis - la diversidad de funciones relativamente independientes en el desarrollo y la unidad de todo el proceso de desarrollo de la personalidad - no solo no se contradicen, sino, como demostró Stern, se condicionan mutuamente. (VIGOTSKI, 1983, p. 23) [...] Lo mismo que la personalidad, el intelecto representa, sin duda alguna, un todo único, pero una unidad estructural homogénea y simples, sino diversa e compleja. (p. 24)

Neste trecho, Vigotski explica a relação simples e ao mesmo tempo diversa entre a construção da personalidade e o desenvolvimento das funções motoras do corpo. Assim como “unidade”, “vivência” é esse todo único, homogêneo; mas complexo e independente entre si. “Vivência” é essa relação de “unidade”, ao mesmo tempo independente e inseparável do sujeito e do meio social. Acreditamos que não seja uma relação de interação, como afirmava Leontiev; porque não existe meio em absoluto, sem a presença do indivíduo que o interprete (PRESTES, 2010).

Perejivanie e “unidade” são conceitos que devem ser discutidos conjuntamente, assim como o de “forma” que, como já dissemos, faz parte do pensamento vigotskiano. Acreditamos que a “vivência” (ou forma) é o uso conscientemente da “experiência” (ou material) acumulada pelo sujeito como ato criativo do novo no mundo.

Dentro dessas discussões, é imprescindível que nos aprofundemos no que diz Vigotski acerca da “experiência”: *Opit* (em português, experiência) é uma palavra completamente diferente de *perejivanie* em russo. O professor Holbrook Mahn (2007, citado por PRESTES, 2010) discute que não existe uma palavra em inglês que possa traduzir *perejivanie*, mas *opit* pode ser vertido do russo para o inglês com o uso da palavra *experience*.

Opit é um conceito do campo da psicologia que não foi criado por Vigotski. O professor soviético discute um pouco esse termo em sua obra *Pedagogitcheskaia psirologuia* (Psicologia Pedagógica, 2004). Neste livro, ele propõe estudar a psicologia em meio às práticas educacionais que contribuiriam para o desenvolvimento de uma nova sociedade socialista soviética. Para tanto, discute o surgimento da psicologia positivista ou empírica, que se baseava na “experiência”, contrária às propostas teóricas da psicologia metafísica.

A professora Zoia Prestes (2010) aponta que no livro “Imaginação e Criação na infância”, Vigotski discute a importância da brincadeira para a criança, pois, segundo ele, é nesta situação que a criança aprende as regras sociais que estão presentes na vida real. Quando a criança brinca de imitar um adulto, ela não reproduz por completo cada ato, comportamento e atitude deste adulto. Em uma brincadeira de imitar, ela coloca a sua marca de criação, combinando situações da realidade e sua “experiência”. A palavra “experiência” aparece novamente na teoria de Vigotski. Mas que “experiência” é essa de que o autor fala?

Acreditamos que o conceito de “experiência”, dentro do pensamento de Vigotski, considera o processo de quantificação numa escala linear de amadurecimento do indivíduo ao longo do seu processo histórico. A “experiência” é uma atividade acumulativa em que o sujeito mais experiente é aquele que está mais avançado (mais velho) nas fases do desenvolvimento humano.

É possível estabelecer uma relação entre os conceitos de “experiência” e “material”. Para Vigotski, “material” é um dos suportes que constituem a atividade de criação humana e, assim como “experiência”, fornece subsídios sociais para que o ser humano produza. A partir desses elementos da história pregressa do homem, o indivíduo aumenta a sua gama de possibilidades de interpretar, combinar e criar algo novo no mundo.

Vivências e os mapas

A cartografia escolar é um campo do conhecimento que se encontra suscetível às influências epistemológicas da educação, geografia e da psicologia. Um dos eixos temáticos de estudo da cartografia escolar são as práticas de pesquisa e metodologias de ensino do mapa enquanto formas de representação espacial da sociedade.

Um dos métodos utilizados pela cartografia escolar para verificar o desenvolvimento espacial do sujeito é pedir para o mesmo que realize o desenho de um mapa. Alguns pesquisadores chamam essa metodologia de mapa mental (GOODNOW, 1979). Chegamos a trabalhar com a metodologia de mapas mentais na escola básica e observamos a dificuldade de alguns jovens para coordenarem os diferentes pontos de vistas. O mapa mental, presente na figura 1, demonstra a dificuldade do jovem em coordenar a perspectiva frontal (a casa aparece rebatida na imagem) e vertical (a rua) num mesmo plano. É importante que o aluno consiga controlar os diferentes pontos de vistas, porque o mapa oficial é formado apenas pela perspectiva vertical.

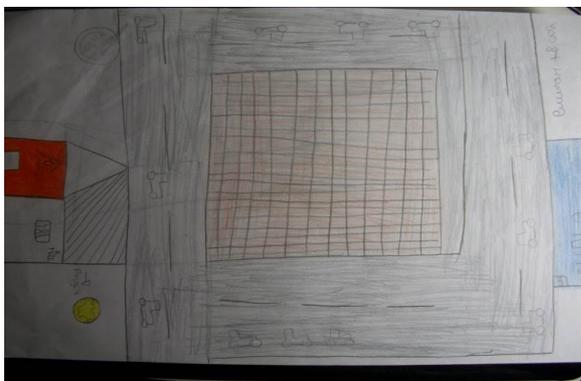


Fig. 1 Mapa mental desenvolvido por um jovem, com aproximadamente 12 anos, que cartografou o itinerário da sua casa até a escola. (Arquivo pessoal)

A estratégia teórico-metodológica do mapa mental foi desenvolvida com o objetivo de cartografar o mundo humano, fugindo das relações racionalistas que marcavam os diversos campos do conhecimento científico no período entre o final do século XIX e início do século XX. Os principais conceitos dessa teoria são o de espaço vivido (FREMONT, 1976) e o de lugar (TUAN, 1980) que contribuíram para o entendimento do modo como os sujeitos interpretam e internalizam o mundo. Os mapas são analisados e categorizados a partir da intenção de pesquisa do investigador.

Outras possibilidades de entender como o sujeito pensa o mundo surgiram mais ou menos nesse mesmo contexto como é o caso dos mapas narrativos que apresentam como conceito-chave o mundo vivido (SCHUTZE, 2003). Os mapas narrativos, influenciados principalmente pela fenomenologia, fazem parte de uma estratégia de pesquisa também conhecida como etnografia visual em que o procedimento de coleta de dados prevê o uso das técnicas de desenho e narração, simultaneamente, pelo sujeito-alvo do estudo. A forma de tratamento dos resultados se assemelha aos mapas mentais cujo pesquisador se torna o responsável pela interpretação e classificação das informações.

O grupo de pesquisa e estudos em Geografia da infância desenvolveu a metodologia dos mapas vivenciais no final dos anos 2000. A metodologia dos mapas vivenciais se baseou na teoria histórico-cultural, principalmente, nos conceitos de “vivência” e reelaboração criadora que aparecem em obras diversas de Lev Vigotski (2006a, 2006b, 2009). Esta teoria surgiu nos anos 30 do século passado, a partir de um grupo de pesquisadores soviéticos, do qual Vigotski fazia parte, que buscaram “ (...) reunir num mesmo modelo explicativo, tanto os mecanismos subjacentes ao funcionamento psicológico como a constituição de sujeito e da espécie humana ao longo de um processo histórico-cultural.” (OLIVEIRA, 2005, p. 8)

Vigotski acreditava que toda a produção humana advém da relação de unidade entre o sujeito e o mundo, por isso, defendia que os movimentos epistemológicos de matrizes no racionalismo cartesiano, no interacionismo e na fenomenologia subjetiva não davam conta de discutir como o sujeito compreende o mundo, porque todos eles, de certa forma, separam a pessoa do próprio meio.

A crença de que a produção humana está diretamente relacionada à relação entre sujeito e mundo, pode ser complementada pelo conceito de reelaboração criadora cuja principal fonte de inspiração de Vigotski foi o pensamento de Marx: “Homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. Marx e Vigotski defendiam a mesma tese a respeito do desenvolvimento da história pregressa do homem: o sujeito, que é sempre atravessado pela história, amplia as suas possibilidades de interpretar, combinar e criar algo novo no mundo.

A metodologia dos mapas vivenciais leva em conta a produção das pessoas em meio aos espaços já existentes da história humana e essa é uma discussão que se aproxima muito do conceito de espaço na Geografia:

(...) devemos procurar entender o espaço como resultado de uma dinâmica e, então, dar condições ao aluno para que se situe neste processo. Deve-se reconhecer que é possível construir o espaço, e que a forma como ele se apresenta, no momento atual, é o resultado da história de quem vive nele e como vive nele. Vai daí que se torna necessário perceber que é possível construir o espaço em que se vive. Que ele é a aparência do resultado da luta dos homens pela sobrevivência num determinado lugar e num determinado tempo. (KAERCHER, 1999, p.69)

O modo de interpretar os dados dos mapas vivenciais busca uma dialogia entre pesquisador e pesquisados sobre a produção final, não categorizando os achados de campo em unidades de pesquisa cujo controle se concentra na mão do investigador, mas na tentativa de encontrar a singularidade da relação entre sujeitos e espaço, como condição irrepetível do conhecimento humano. (BAKHTIN, 1979)

Há algumas pesquisas com o uso da metodologia dos mapas vivenciais no campo da psicologia e da cartografia. O professor Reinaldo Lima (2014) construiu um mapa vivencial do centro da cidade de Areal, um município de pouco mais de 11 mil habitantes, localizado na região centro-sul fluminense. Uma informação importante sobre esta cidade é que ela não se encontra presente em nenhum mapa oficial (LIMA, 2014) e uma das justificativas pela ausência da sua representação é porque vivemos numa cultura cartográfica em que órgãos e instituições estatais privilegiam a produção de mapas com escalas pequenas com o objetivo de tentar apreender graficamente o todo. Consequentemente, o lado micro, ou seja, os pormenores espaciais e os detalhes da realidade são deixados de lado. Para pensarmos sobre isso, é importante discutir um pouco o conceito de escala.

A escala é uma relação de proporção matemática entre a realidade e a representação. Todo o mapa oficial é uma representação reduzida da realidade. A diferença conceitual entre escala pequena e grande aparece descrita na figura 2

do texto:

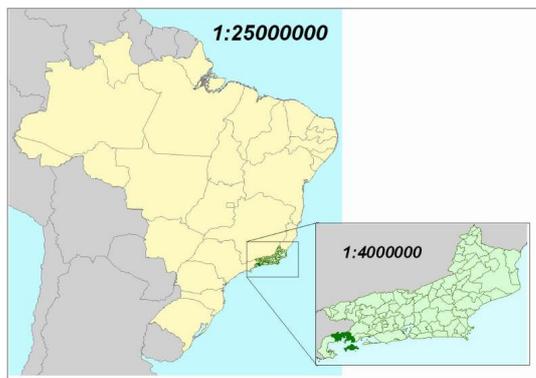


Fig. 2 O mapa do Brasil apresenta uma escala pequena e o mapa do estado do Rio de Janeiro se encontra uma escala grande.

A cidade de Angra dos Reis, por exemplo, pintada de verde escuro no mapa do Estado do Rio de Janeiro é representada numa escala superior a dos dois mapas antes citados.

O mapa do Brasil, representado na figura 2, se encontra numa pequena escala. O que isto representa? Que cada pedaço do Brasil foi reduzido 25.000.000 vezes para estar dentro de um mapa. Este é um tipo de mapa que tem o objetivo de representar o espaço por inteiro, sem a preocupação com suas devidas partes. No caso desse mapa, os pedaços são representados pelos estados e municípios da união. O mapa do Estado do Rio de Janeiro segue outro caminho em sua representação cartográfica. Ele apresenta escala grande numa redução de 4.000.000 vezes em comparação ao seu espaço real. O principal objetivo dessa representação é destacar os micro-espacos.

Devido à cidade de Areal não estar presente em nenhuma representação cartográfica oficial, por ser um micro-espaco sobreposto e escondido pelas regiões do Estado do Rio de Janeiro, Sudeste e Brasil; não há representação espacial que dê conta da “vivência” dos sujeitos que ali habitam o determinado (micro)espaco. Lima (2014), com o intuito de dar conta dessas demandas, escolheu um grupo de alunos do primeiro seguimento de uma escola municipal e outra particular de Areal, para discutir a construção de um mapa do centro da cidade. (Fig. 3)



Fig. 3 Mapa vivencial do centro da cidade de Areal.

A metodologia adotada por Lima (2014) corrobora com os pressupostos da teoria histórico-cultural de tentar mapear a autoria humana por dentro das entranhas do já existente, do que já se encontra posto. Por isso, buscou-se alguma base de dados cartográficos que já foram catalogadas (*google maps*), fugindo da ideia dos mapas (mentais) imaginativos.

Os adultos que moravam no centro de Areal também fizeram parte da pesquisa. Esta consulta foi relevante para comprovar uma hipótese de investigação: dependendo do grupo, classe ou estrutura etária; observamos o mundo de maneiras distintas.

Metodologia e discussão dos dados

Entendendo que toda metodologia é formada por um conjunto de técnicas e estratégias que dão conta de realizar uma pesquisa, elaboramos determinados procedimentos com vistas à articulação do que estudamos até o momento a respeito da teoria da vivência e a prática de mapear.

A partir da coordenação de uma oficina num evento acadêmico no ano de 2016, desenvolvemos uma metodologia de trabalho, fazendo uso dos mapas vivenciais. A oficina oferecida tinha como objetivo introduzir um debate sobre a representação das imagens no ensino de Geografia. Uma das atividades propostas foi desenvolver a metodologia dos mapas vivenciais com alguns alunos do ensino médio da rede estadual da cidade de Angra dos Reis e discentes dos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia. Apresentamos o mapa de um dos distritos deste município, Jacuecanga, para que os alunos, divididos em grupos, cartografassem as vivências naquele espaco.

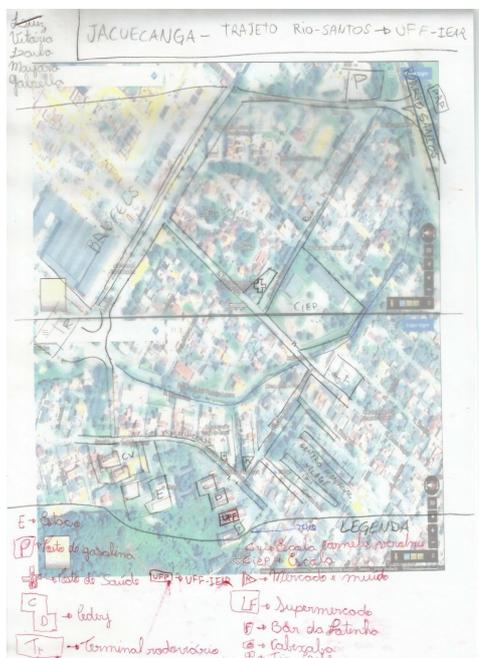


Fig. 4 Mapa vivencial do distrito de Jacuecanga/Angrados Reis confeccionados pelos alunos que residem na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A base deste mapa é formada a partir de uma imagem retirada do programa *google maps* do distrito de Jacuecanga, sobre a qual os alunos colocaram uma prancha de papel vegetal. Nessa atividade, cada grupo deveria desenhar suas vivências no referido espaço. Depois dos desenhos feitos, elaboramos um debate para que justificassem suas escolhas e preferências nos mapas.

O grupo que se tornou objeto da nossa pesquisa é formado por 5 alunos que moram, todos, na região metropolitana do Rio de Janeiro, principalmente, na própria capital, ou seja, há aproximadamente 170 km de distância de Angra dos Reis. São alunos que, por estudarem nesta cidade da Costa Verde fluminense, passam ali quase totalidade da semana, exceto os finais de semana, feriados e férias, em que retornam para as suas residências. Muitos deles moram em repúblicas, alugando quartos que são vizinhos ao local de estudo. Ou seja, não residem “oficialmente” na cidade.

O mapa vivencial deste grupo, representado na figura 4, foi o que mais chamou a nossa atenção. Isso por causa da menção à Rodovia Rio-Santos, importante meio de locomoção das pessoas da região. Pensávamos que a reposta do referido grupo, justificando a opção pela rodovia, se desse porque ela é uma via de ligação entre os municípios do Rio de Janeiro aos do Estado de São Paulo. Mas não foi bem isso que aconteceu.

O autor da pesquisa já tinha a resposta pronta para a referência da rodovia Rio-Santos no mapa vivencial desse grupo. O motivo da escolha parecia nítido: quem mora no Rio de Janeiro destaca a rodovia, porque ela interliga a cidade de Angra à região metropolitana do estado. Este trecho rodoviário faz parte da vivência do pesquisador, que se assemelha a vivência daquele determinado grupo de alunos. Qual foi o erro de interpretação cometido pelo autor do estudo? A vivência é uma relação singular do sujeito, em que ninguém pode vivê-la por ele. O dado que fugiu do controle do pesquisador remete ao fato de que todos os grupos, inclusive o representado pela figura 4, responderam que usam a rodovia para chegarem ao centro de Angra. O centro da cidade é um bairro que apresenta comércio, bares e áreas de lazer mais pujante que o distrito de Jacuecanga.

Conclusão

Este ensaio apresenta avanços e limites na discussão da teoria de Vigotski. Os avanços ficaram em torno de desmistificar a visão interacionista da teoria deste psicólogo, invólucro que encapsulou o pensamento do autor, tanto no seu país de origem, como nas traduções de seus textos para o mundo ocidental. Apresentamos a história das traduções do conceito de *perejivanie* em português e propusemos um renovado debate à luz da “unidade” dos conceitos vigotskianos em prol do desenvolvimento de um novo conhecimento sobre a palavra *perejivanie*.

Os limites do texto apontam para a necessidade de sairmos da “zona de estabilidade” em que se encontra o significado da palavra “vivência” dentro do pensamento de Vigotski. Para o pensador bielorrusso, significado e sentido não querem dizer a mesma coisa. “O sentido da palavra é sempre complexo e possui várias zonas de estabilidade diferente. O significado é somente uma das zonas daquele sentido que a palavra adquire no contexto de alguma fala e, além do mais, uma zona mais estável, mais unificada e precisa.” (1999, p. 328, citado por PRESTES, 2010, p.81). Afinal, o que queremos com este estudo? Buscar um novo sentido para a palavra “vivência” em que possamos ao mesmo tempo criar e explicar a realidade a nossa volta.

O que ficou de experiência com a realização da oficina é que o tratamento de dados não pode levar em conta apenas a técnica do desenho. A narrativa dos sujeitos, nessa metodologia, se torna indispensável, porque preenche os espaços

vazios com as legendas reificadas de suas vidas.

Estamos no processo de colar os pedacinhos da teoria e da prática na pesquisa, explorando e desenvolvendo cada vez mais a metodologia dos mapas vivenciais. Orientamos, desde o ano de 2016, um jovem bolsista do programa PIBIC-Ensino Médio no intento de confeccionar um mapa vivencial do colégio onde estuda. Esta pesquisa se encontra em fase de pré-produção dos croquis, com a análise das entrevistas e surgimento de questões a serem respondidas, a partir das quais esperamos encontrar novas direções sobre outros usos possíveis do espaço escolar objeto da pesquisa.

Referências bibliográficas

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Editora Penso, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich et al. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria de Vigotski**. Campinas: Editora Autores Associados, 2004.

FRÉMONT, Armand. **La région, espace vécu**. Presses universitaires de France, 1976.

GOODNOW, Jacqueline. **Desenho de crianças**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

KAERCHER, Nestor. A Geografia é o nosso dia-a-dia, 1999. In.: _____ et al (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 1999, pp. 11-21.

LEONTIEV, Aleksei Alekseevitch (org). **Slovar L.S. Vigotskogo**. Moska: Smisl, 2007.

LIMA, Reinaldo José. **Tem que estar no mapa porque faz parte do mundo: cartografia com crianças em Areal**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotsli no Brasil - Repercussões no campo educacional**, 2010, 295f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Educação como Exercício de Diversidade**, p. 61, 2005

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Strukturen der Lebenswelt**. UTB GmbH, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Difel, 1980.

VIGODSKAIA, Guita Lvovna e LIFANOVA, Tamara Mirrailovna. **Lev Semionovitch Vigotski: jizn, deiatelnost. chtrirri K portretu**. Moscou: Smisl i Smisl, 1996.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Lisboa: Edições Antídoto, 1979. Tradução do inglês de M. Resende.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987, 194p.

_____. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Paulo Bezerra.

_____. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Obras Escogidas. Tomo IV**. Madri: Machado Libros. 2006a.

_____. **Obras Escogidas. Tomo V**. Madri: Machado Libros. 2006b.

_____. **Imaginação e Criação na infância**. Trad. Zoia Prestes. São Paulo: Ática. 2009.

_____. **Quarta aula: a questão do meio na pedologia**. Psicologia USP, São Paulo, 2010.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Notas

1 O termo “vivência” (em russo *perejivanie*) foi traduzido no Brasil pelo professor Paulo Bezerra (2001) como emoção e sentimento e em inglês por *experience* (em português experiência) (MINICK, 1987).

2 Vigotski usa os termos “fábula” e “enredo” como sinônimos, respectivamente, de “material” e “forma” ao longo do livro *Psicologia da arte* (1999).

3 Neste livro aparece uma história narrada pelo escritor russo Tolstói sobre o pintor, também russo, Briulov que nos ajuda a entender a relação do “mínimo” na obra de arte: “ao corrigir o estudo de um aluno, Briulov deu um leve toque em algumas partes, e o estudo ruim e morto de repente ganhou vida. Vejam bastou um mínimo toque e tudo mudou, disse um dos alunos. A arte começa onde começa esse mínimo, disse Briulov.” (VIGOTSKI, 1999, p.41)

4 Vigotski, ao longo do seu livro, explica que o processo de criação artística envolve o que ele chamou de “o social em nós”, ou seja, o artista e o apreciador da produção artística compartilham todo o contexto histórico e social da produção artística. Vigotski propôs estudar a fábula em sua pesquisa e identificou algumas características gerais que sempre aparecem neste gênero literário. Por exemplo, o fabulista (artista) escolhe determinado animal como personagem na história, a partir de suas características psicológicas. É a raposa considerada um animal astuto e rápido ou o corvo que aparece como um bicho de aspecto desagradável. A fábula só tem a capacidade de contar o seu enredo, porque o autor e o seu leitor já conhecem esses perfis psicológicos previamente. A força da fábula se encontra na falta de necessidade em explicar as características comportamentais dos “personagens-animais” literários.